



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Grande sertão: veredas, os primeiros 70 anos

Italo Calvino escreveu um livro intitulado *Por que ler os clássicos* e ensinou: porque eles nunca terminam, deixam marcas profundas na memória e se tornam inesquecíveis, são livros de descoberta e autocohecimento, dão prazer e saber e funcionam como bússolas. Tudo isso e mais se aplica a *Grande sertão: veredas*, setentão lépido e faceiro, de 1956, de João Guimarães Rosa (1908-67) que foi publicado em edição especial da Companhia das Letras (544 pág, R\$ 209,00), com novo projeto gráfico, entrevista do autor e ensaio de Érico Melo sobre os rascunhos e a forma final do romance.

Clássico definitivo, recriador da língua portuguesa mesclando fala de jagunços com erudição latina e grega, pleno de imaginação poética sem limites, com oralidade sintética, universali-

dade no regional e poesia em prosa inigualável, a narrativa contínua traz Riobaldo, Diadorim (Reinaldo), Hermógenes, Joca Ramiro, Zé Beбето, Medeiro Vaz, Otacília e Nhorinhá envolvidos no bem e no mal, liberdade e destino, violência e vida, amor, identidade e a transformação do indivíduo e o sertão, que “é dentro da gente”.

Romance de aventura, história de amor, narrativa de formação e grande reflexão sobre bem, mal, destino e liberdade: tudo isso e mais o infinito que os leitores imaginarem, criarem, sentirem, duvidarem e filosofarem estão no livro, no sertão, nas veredas, nas árvores, animais, pessoas, luzes, sombras, silêncios e sons, revelações e mistérios de ontem, hoje e sempre.

Depoimentos inéditos dos leitores ilustres Mia Couto, Ali-



son Entrekin, Caetano W. Galindo, Eduardo Gianetti, Milton Hatoum, Bia Lessa, Ana Martins Marques, Geovani Martins, Amara Moira, Silviano Santiago, Heloísa Murgel Starling e Itamar Vieira Junior estão nesta edição de um dos maiores romances brasileiros e mundiais.

e palavras...

BRASILEIRO, PROFISSÃO (DES) ESPERANÇA?

Na primavera tudo reflorescerá. Brasileiro sempre achou que Deus é brasileiro, que aqui em se plantando tudo dá, que segunda-feira seremos um País que vira nação e que somos campeões mundiais no palitinho e no jeitinho de ouro para ser maior e mais esperto que os gringos. A gente sabia que o Ademar de Barros roubava, mas fazia. Hoje tem muito Ademar que rouba e não faz. Tem muito Ademarizado, envolvido na corrupção estrutural ou se conformando.

Os ladrões de galinha de hoje roubam iPhone 18 Pro, velhinhos e galinhas dos ovos de ouro, de preferência com ovos Fabergé. Domingo de noite tem muitos comprando pizza pela tele e financiando os R\$ 60 reais em dez vezes no cartão. Depois dão a desenrolada básica. Pagar em dia está complicado. Cinquenta milhões estão com bolsa família, oitenta e quatro milhões estão endividados, a dívida bruta do Governo Geral é R\$ 10,9 trilhões e a dívida pública federal é de R\$ 9,3 trilhões. Juros nominais pagos do setor público somam R\$ 1,16 trilhões em doze meses. Não está fácil seguir exercendo a Profissão Esperança, que o brasileiro tanto gosta e que já foi nome de peça de teatro. Essas eleições têm cara de medo, de desesperança, mas não podemos afrouxar o garrao. A esperança é a última que morre. Enquanto há vida, há esperança.

Quando eu tinha 10 anos, em 1964, e vivia na sempre florescente Bento Gonçalves, a professora disse que felizmente estávamos livres do comunismo, que teríamos liberdade e desenvolvimento. Fiquei esperançoso e orgulhoso do meu País bicampeão mundial. Desfilava garboso de conga no 7 de setembro.

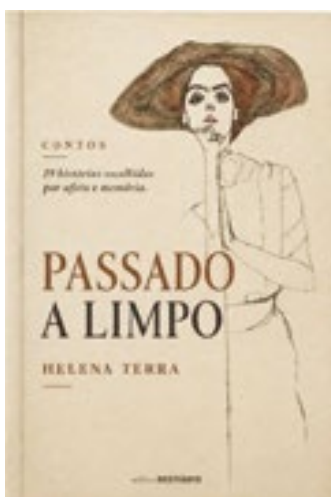
Em Porto Alegre, estudando no fervilhante Julinho, de 1967 a 1972, fiz parte da “geração amordaçada”, me diziam para ficar quieto, mas participei de algumas passeatas e berrei palavras de ordem, com o cuidado de não radicalizar para não apanhar de graça dos brigadianos.

Em 1974, na Faculdade de Direito da Ufrgs, onde fiquei até 1978, fim do governo Emílio Médici, época de Geisel e do “Milagre Econômico”, começava a abertura “lenta, segura e gradual”, e as esperanças de tempos menos de chumbo, com Figueiredo, Em 1984, já advogado, casado e Procurador do Trabalho, fui para a frente da prefeitura de Porto Alegre, de noite, gritar por Diretas Já. Não deu diretas, mas deu Tancredo. Pelo visto, por vontade de Deus, se livrou do rojão, que ficou para Sarney. Dizem que as sete cirurgias foram só três. Quatro teriam sido fraudes contra a Previdência.

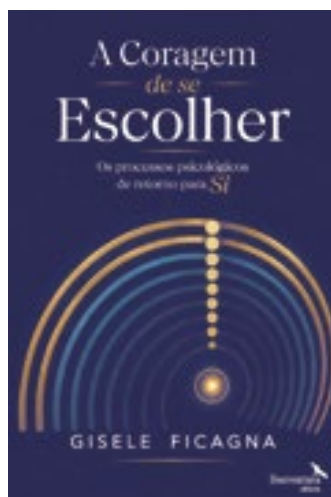
Esperanças com Sarney, com desejo de ver a sociedade civil organizada, de baixo para cima, passar a limpo o País. Não foi bem isso, e Collor acabou cassado pelos marajás que queria caçar. Itamar deu esperanças, Plano Real, zero corrupção, o melhor presidente das últimas décadas, mas logo veio FHC, com esperanças tucanas.

Novas esperanças com Lula, Dilma e Temer. O Brasil não é para amadores, viver no exterior é bom, mas é uma merda, e viver no Brasil é uma merda, mas é bom, disse Tom Jobim, um dos maiores brasileiros. A insatisfação trouxe Bolsonaro, e Bolsonaro motivou a insatisfação que trouxe Lula. Mais esperanças e desesperanças. Nas segundas-feiras fomos ficando menos esperançosos de ver o País virar nação.

Lançamentos



► **Passado a limpo** (Bestiário, 100 pág, R\$ 48,00), de Helena Terra, autora de romances e do folhetim *A medida das coisas humanas*, traz contos sobre pessoas, relações e cenários que rompem com as regras tradicionais. Nada de finais surpreendentes ou economia narrativa. Palavra e trama dividem o protagonismo. Memórias, desejos, perdas e passado vivo das pessoas em linguagem inventiva, invejável, intensa e sensual.



► **A coragem de se escolher** (Boaventura Editora, 172 pág), da psicóloga, gestora e psicopedagoga Gisele Ficagna, especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental, Neurociência e Comportamento Humano, mostra os processos psicológicos de retorno para si. Escolher a si não é ato de egoísmo, é ato de consciência. Lançamento 26/9, 16-18h, Livraria Santos (Dinarte Ribeiro, 148).



► **Os assassinatos da casa decagonal** (Editora Intrínseca, 288 pág, R\$ 69,90), do consagrado japonês Yukito Ayatsuji, é um dos clássicos de suspense da literatura japonesa, eleito pela Time como um dos 100 melhores livros de mistério de todos os tempos. Sete pessoas, ilha deserta e uma armadilha de dez lados, onde a morte está sempre à espreita. Será possível escapar desse destino fatal?

A propósito

Agora estou com 72, meio aposentado e meio, ou vinte e cinco por cento, esperançoso. Estou quase no cheque especial da esperança. Por incrível que pareça, ainda procuro ter esperança de que as elites poderosas dos Três Poderes um belo dia se reúnam para pensar no que é melhor para o coletivo e agir a favor do melhor interesse público.

Mais um sonho de uma noite de verão. Como diz o outro, a vida é sonho, e os sonhos, sonhos são. Tomara que minha neta de dois anos não precise ir para o Paraguai, país ótimo, sério, democrático e florescente. Aliás, tomara que nesta primavera, mais uma vez, tudo desabroche, inclusive e principalmente a periclitante esperança. (Jaime Cimenti)